



RICHELLE MEAD

O PODER
DO SÚCUBO

 essência

O PODER
DO SÚCUBO

RICHELLE MEAD

O PODER
DO SÚCUBO

Tradução Matha Angel

 Planeta

Copyright © Richelle Mead, 2008
Edição publicada de acordo com Kensington Publishing Corp. NY, NY EUA
Título original: *Succubus on top*

Revisão: Mariana Simões

Capa: adaptada do projeto original de Kristine Mills-Noble

Ilustração de capa: © Chad Michael Ward

Conversão para eBook: Freitas Bastos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mead, Richelle

O poder do súcubo / Richelle Mead ; tradução Martha Argel. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2011.

Título original: *Succubus on top*.

ISBN 978-85-7665-722-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

10-13913 CDD-813

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3^o andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo-SP

www.essencialivros.com.br

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

*Para Heidi e John, por sua amizade,
generosidade e acesso à internet.
Vocês devem ser as melhores
pessoas que conheço.*

Capítulo 1

Demônios são assustadores.

Não importa a religião ou classe social, isso é algo bem constante. Ah, claro, eles têm seus momentos absurdos, sobretudo nos círculos que frequento, mas, de modo geral, as pessoas têm bons motivos para temer e evitar os diabólicos servos do inferno. Eles são cruéis e implacáveis, adoram a dor e o sofrimento e torturam almas nas horas vagas. Eles mentem. Roubam. Trapaceiam nos impostos.

Ainda assim, eu não conseguia evitar a impressão de que estava a ponto de testemunhar o mais terrível de todos os atos demoníacos.

Uma cerimônia de premiação. Para mim.

Horácio, vice-demônio de tal divisão de Assuntos Internos, postava-se na minha frente, tentando conferir ao momento um ar de solenidade e falhando de forma risível. Eu desconfiava que boa parte da culpa era do terno de poliéster azul-calcinha combinando com a gravata-borboleta estampada. As costeletas também não ajudavam. Ele provavelmente não saía dos círculos internos do inferno fazia uns seis séculos, desde a última vez que o poliéster azul-calcinha esteve na moda.

Limpendo a garganta com um pigarro longo demais, ele olhou ao redor, para todos ali reunidos, checando se estávamos prestando atenção. Meu supervisor, Jerome, estava parado ao lado dele, com um ar totalmente entediado, consultando o tempo todo o relógio de pulso. Ao lado dele, Kasper, o duende assistente de Horácio, sorria de orelha a orelha. Uma pasta de documentos jazia no chão a seus

pés, e ele segurava documentos diversos. A expressão ávida de puxa-saco e baba-ovo em seu rosto indicava um desejo ardente de promoção.

Quanto a mim... bom, eu também travava uma batalha árdua para parecer empolgada... mas não estava me saindo bem. Coisa que era, claro, inaceitável. Sou um súcubo. Toda a minha existência está baseada em fazer com que as pessoas – em particular os homens – creiam e vejam em mim o que quiserem. Posso passar de uma virgem de sorriso tímido para uma *dominatrix* ardente num piscar de olhos. Tudo que é necessário é um pouco de mudança de forma e uma pitada de atuação teatral. Ganhei a primeira dessas habilidades numa barganha na qual abri mão da minha alma; a segunda, adquiri ao longo do tempo. Afinal de contas, você não atravessa os séculos dizendo a cada sujeito “Puxa, cara, você foi o melhor que eu já tive” sem aprender algo sobre conversa mole. Os mitos nos apresentam como criaturas de prazer, etéreas e demoníacas, mas, falando sério, ser um súcubo não exige nada mais que uma cara de pôquer convincente e uma boa lábia de vendedor.

De forma que, na boa, este lance de premiação não devia ser um problema para mim. Mas com Horácio não era nada fácil manter uma cara séria.

– Verdadeiramente, é uma grande honra estar aqui hoje – entoou ele, numa voz de barítono anasalada.

Verdadeiramente?

– O trabalho duro é o que nos engrandece, e estamos aqui reunidos hoje para dar o devido reconhecimento a alguém que demonstrou dedicação e entregou-se por inteiro ao Mal Maior. São indivíduos assim que nos tornam fortes, que vão nos permitir vencer esta imensa batalha quando chegarmos ao último placar no fim dos tempos. Esses indivíduos são merecedores de nossa estima, e nós nos esforçamos para recompensá-los por seu empenho, fazendo com que todos saibam o quanto é importante enfrentar com

tenacidade as adversidades e lutar por nossos objetivos nestes tempos difíceis.

Em seguida acrescentou:

– Enquanto aqueles que não trabalham com afinco são lançados nos abrasadores abismos do desespero para queimarem por toda a eternidade e serem despedaçados pelos cães do inferno.

Abri a boca, a ponto de perguntar como é que aquilo podia ter uma relação custo-benefício melhor do que uma indenização por demissão, mas Jerome me olhou e fez que não com a cabeça.

Enquanto isso, Horácio cutucou Kasper e o duende entregou-lhe, pressuroso, um certificado ornado de ouro.

– É, portanto, com grande prazer que confiro-lhe este Prêmio de Desempenho por Exceder e Sobrepujar com Excelência as Cotas de Súcubo Estabelecidas para o Último Trimestre. Parabéns.

Horácio apertou minha mão e entregou-me o certificado, que tinha sido assinado por mais ou menos cinquenta pessoas.

Fica aqui certificado que:

LETHA (aliás, Georgina Kincaid), súcubo da Arquidiocese de Seattle, Washington, Estados Unidos da América, América do Norte, Terra, Excedeu e Sobrepujou com Excelência as Cotas de Súcubo Estabelecidas para o Último Trimestre, demonstrando um desempenho excepcional na sedução, danação e corrupção de almas humanas.

Todos me olharam quando terminei de ler, e fiquei achando que estavam esperando um discurso ou algo assim. Minha maior preocupação era se eu ia ter problemas por resumir a coisa de um jeito bem enxuto.

– Hã, obrigada. Isso é... legal.

Horácio pareceu satisfeito. Ele assentiu com ar de entendido, e então lançou um olhar a Jerome.

– Você deve estar muito orgulhoso.

– Demais – murmurou o arquidemônio, contendo um bocejo.

Horácio virou-se para mim.

– Continue fazendo um bom trabalho. De repente você pode entrar na fila de promoção para um cargo de chefia.

Como se desistir de minha alma já não tivesse sido ruim o suficiente. Forcei um sorriso.

– Bom, ainda tem muito para ser feito por aqui.

– Excelente atitude. Realmente excelente. Você fez um bom trabalho com ela – Horácio deu um tapinha amigável nas costas de Jerome, e meu chefe não pareceu nada feliz com isso. Ele de fato não gostava de tapinhas amigáveis. Ou de ser tocado, ponto. – Bom, se não há mais nada, acho que devo... ah, quase ia esquecendo.

Horácio voltou-se para Kasper. O duende entregou alguma outra coisa a seu mestre.

– Isto aqui é para você. Como prova de nossa estima.

Ele me deu um *gift card* para a rede de restaurantes Applebee's, e mais alguns cupons para locação gratuita na Blockbuster. Jerome e eu ficamos sem reação por uns instantes, pasmos.

– Uau – eu disse, finalmente. O segundo colocado para esse prêmio deve ter recebido um *gift card* para o Sizzler. Nunca duvide que o segundo lugar é, na verdade, o primeiro perdedor.

Horácio e Kasper desapareceram. Jerome e eu ficamos em silêncio por uns segundos.

– Você gosta de Baby Back Ribs, Jerome?

– Engraçadinha, muito engraçadinha, Georgie – ele percorreu minha sala, fingindo examinar os livros e quadros. – Bom trabalho com o lance da cota. Claro, é fácil excedê-la quando você está partindo do zero, não?

Dei de ombros e joguei o certificado em cima da bancada da cozinha.

– Isso tem mesmo importância? Você ainda ganha os louros. Achei que ia gostar.

– É claro que gosto. Na verdade, para mim foi uma surpresa agradável a forma como você manteve sua promessa.

– Eu sempre mantenho minhas promessas.

– Não *todas* as suas promessas.

Meu silêncio o fez sorrir.

– E agora? – perguntou. – Vai sair para comemorar?

– Você sabe o que vou fazer. Estou indo para a casa de Peter. Você não vem?

Ele evitou minha pergunta; demônios são bons nisso.

– Pensei que talvez tivessem aparecido novos planos. Planos com um certo mortal. Parece que ultimamente você faz bastante isso.

– O que eu faço não é problema seu.

– Tudo o que você faz é problema meu.

De novo não respondi. O demônio chegou mais perto, seus olhos escuros penetrando fundo em mim. Por razões inexplicáveis, ele escolhera parecer-se com John Cusack enquanto circulava pelo mundo humano. Pode dar a impressão de que isso reduziria seu poder de intimidação, mas juro que só piorava a coisa.

– Por quanto tempo você vai manter essa farsa, Georgie? – suas palavras eram um desafio, tentando me provocar. – Você não pode acreditar de verdade que existe algum futuro para vocês dois. Ou que vão conseguir ficar castos para sempre. Por Deus, mesmo que você possa se controlar, nenhum ser humano macho permanece celibatário por muito tempo. Sobretudo se tiver um fã-clubes enorme.

– Você não entendeu a parte em que eu disse que isso é problema meu?

O calor subiu ao meu rosto. Apesar dos pesares, recentemente eu havia me envolvido com um humano. Nem tinha certeza de como havia acontecido, uma vez que sempre fiz de tudo para evitar esse tipo de coisa. Acho que dá para dizer que ele meio que me pegou traiçoeiramente. Num instante era só uma presença cálida e reconfortante ao meu lado; no momento seguinte, percebi a intensidade com que ele me amava. Esse amor me cegou. Fui incapaz de resistir e decidi ver aonde iria me levar.

Como resultado, Jerome jamais deixava de me lembrar que neste romance eu flertava todos os dias com um desastre em potencial. A

opinião dele não era totalmente infundada. Uma pequena parte disso decorria de eu não ter uma boa ficha corrida quanto a relacionamentos sérios. A maior parte devia-se ao fato de que qualquer coisa que eu fizesse com um humano que fosse além de ficar de mãos dadas me levaria inevitavelmente a sugar um pouco de sua vida. Mas, caramba, todo casal tem seus obstáculos, certo?

O demônio alisou o paletó de seu terno preto de caimento perfeito.

– É só um aviso amigo. Não faz diferença. Não ligo se você continua brincando de casinha com ele... Negando-lhe um futuro, uma família, uma vida sexual saudável. Tanto faz. Desde que você continue com o bom trabalho, para mim dá no mesmo.

– Já terminou a sessão de aconselhamento? Estou atrasada.

– Mais uma coisa. Achei que você gostaria de saber que acabo de acertar os detalhes de algo que vai ser uma surpresa agradável. Você vai gostar.

– Que tipo de surpresa? – Jerome não costumava fazer surpresas. Pelo menos não surpresas boas.

– Não seria uma surpresa se eu lhe contasse, não é?

Típico. Fiz uma careta e lhe dei as costas.

– Não tenho tempo para seus joguinhos. Ou você diz o que está rolando ou vai embora.

– Acho que vou embora. Mas, antes disso, lembre-se apenas de uma coisa – ele colocou a mão em meu ombro e me virou para olhá-lo de frente outra vez. Estremeci com seu toque e sua proximidade. O demônio e eu já não éramos tão amiguinhos como no passado. – Só existe um homem que é uma constante na sua vida, um único homem a quem você sempre obedecerá. Daqui a cem anos, *ele* será pó na terra, e será para *mim* que você sempre voltará.

Isso podia dar uma impressão romântica ou sexual, mas não era. Absolutamente. Minha ligação com Jerome era muito mais profunda. Um vínculo e uma lealdade que, literalmente, iam direto até a minha alma. Uma conexão que me prendia a ele pela eternidade, ao

menos que as forças do inferno decidissem designar-me para algum outro arquidemônio.

– Essa sua pose de cafetão já está ficando meio gasta.

Ele deu um passo para trás, sem se perturbar com meu rancor. Seus olhos brilhavam.

– Se sou um cafetão, Georgina, então você é o quê?

Fez-se uma súbita e ostentosa nuvem de fumaça, e Jerome desapareceu antes que eu pudesse responder.

Malditos demônios.

Fiquei sozinha em meu apartamento, revirando as palavras dele na mente. Por fim, lembrando-me da hora, fui para o meu quarto trocar de roupa. Ao fazer isso, passei pelo certificado de Horácio. Seu selo dourado piscou para mim. Virei-o para baixo, sentindo uma súbita náusea. Eu podia ser boa no que fazia, mas isso não queria dizer que me orgulhasse de minha atuação.

No fim, atrasei-me só quinze minutos para a festinha do meu amigo Peter. Ele atendeu à porta antes mesmo que eu batesse. Examinei seu chapéu branco esvoaçante e o avental BEIJE O COZINHEIRO, e disse:

– Desculpa. Ninguém me disse que *Iron Chef* ia ser gravado aqui esta noite.

– Está atrasada – reclamou ele, sacudindo uma colher de madeira. – Quer dizer que você ganha um prêmio e aí perde toda a educação?

Ignorei sua desaprovação e entrei. É tudo que se pode fazer com um vampiro obsessivo-compulsivo.

Na sala, dei de cara com nossos amigos Cody e Hugh organizando grandes somas de dinheiro.

– Vocês assaltaram um banco?

– Não – respondeu Hugh. – Já que esta noite Peter está tentando nos servir uma refeição civilizada, decidimos que seria necessário um passatempo civilizado.

– Lavagem de dinheiro?

– Pôquer.

Ouvi Peter, na cozinha, resmungando consigo mesmo algo sobre um suflê. Isso meio que prejudicava a imagem que eu tinha de um bando de sujeitos de aparência suspeita, amontoados ao redor de uma mesa de jogo num quatinho de fundos.

– Acho que *bridge* seria mais adequado – comentei.

Hugh pareceu em dúvida.

– Mas é um jogo para gente velha, querida.

Com essa, tive de sorrir. “Velho” era um termo meio relativo quando a maioria de nós contava a idade em séculos. Fazia tempo que eu suspeitava que, no meu círculo de imortais inferiores – aqueles que não eram nem anjos nem demônios verdadeiros –, eu era a que tinha mais idade, a despeito da afirmação otimista de minha carteira de motorista de que eu tinha vinte e oito anos.

– E desde quando nós jogamos alguma coisa? – perguntei-me em voz alta. Nossa última tentativa tinha envolvido uma partida de Banco Imobiliário com Jerome. Competir com um demônio numa disputa por posses e controle total é meio inútil.

– Desde quando nós *não* jogamos? Jogos de vida, jogos de morte. Jogos de amor, de esperança, de acasos, de desespero e uma série de prodígios variados.

Revirei os olhos para o recém-chegado.

– Olá, Carter – eu havia sentido a presença do anjo na cozinha, da mesma forma que Peter pressentira minha chegada pelo corredor. – Onde está sua cara-metade esta noite? Eu estava com ele agora há pouco. Pensei que ele também viesse.

Carter entrou na sala, me deu um de seus sorrisos debochados e lançou um olhar com aqueles olhos cinzentos brilhantes de segredos e jovialidade. Ele usava seus trajes habituais, *jeans* rasgados e uma camiseta desbotada. Em termos de idade, o resto de nós não podia sequer se comparar a ele. Todos havíamos sido mortais no passado; medíamos nossas vidas por séculos ou milênios. Anjos e demônios... bom, eles mediam suas vidas pela eternidade.

– Sou por acaso o guardião do meu irmão?

Clássica resposta de Carter. Olhei para Hugh, que era, por assim dizer, o guardião de nosso chefe. Ou pelo menos uma espécie de assistente administrativo.

– Ele precisou viajar para uma reunião – disse o duende, empilhando notas de vinte. – Tipo uma dinâmica de grupo, em Los Angeles.

Tentei imaginar Jerome participando de um percurso de arborismo.

– Que tipo de dinâmica de grupo fazem os demônios, exatamente?

Ninguém tinha resposta. Talvez fosse melhor assim.

Enquanto continuava a separar o dinheiro, Peter preparou-me um *gimlet* de vodca. Examinei a garrafa de Absolut em sua bancada.

– Que diabos é isso?

– A Grey Goose acabou. Mas as duas são quase a mesma coisa.

– Juro, se você já não fosse uma abominação perante Deus, eu o acusaria de heresia.

Quando todo o dinheiro estava organizado, inclusive minha contribuição, sentamo-nos em volta da mesa da cozinha do vampiro. Como todos hoje em dia, começamos jogando Texas Hold'em. Eu era boa jogadora, mas me saía muito melhor com mortais do que com imortais. Meu carisma e meu *glamour* tinham efeito limitado sobre este grupo, o que significava que eu tinha que pensar mais em probabilidades e estratégias.

Peter ficou de um lado para outro durante a partida, tentando jogar e olhar a comida ao mesmo tempo. Não era fácil, já que ele insistiu em jogar de óculos escuros, que precisava tirar ao checar a refeição. Quando comentei que este seria meu segundo jantar fino em duas noites, ele quase teve um ataque.

– Diga o que quiser. Nada que você tenha pedido na noite passada vai chegar aos pés deste pato que eu fiz. *Nada*.

– Não sei. Fui ao Metropolitan Grill.

Hugh deu um assobio.

– Uau. Eu estava imaginando onde você tinha conseguido esse seu brilho. Quando um cara te leva ao Met, você não tem escolha a não ser dar umazinha, hein?

– O brilho vem de outro cara – eu disse, incomodada, não querendo de fato lembrar o encontro que tivera naquela manhã, mesmo tendo sido bem excitante. – Fui ao Met com Seth – a lembrança do jantar da noite passada trouxe um sorriso ao meu rosto, e de repente me vi falando sem parar. – Vocês deviam ter visto. Pela primeira vez ele não usou camiseta, se bem que acho que não fez nenhuma diferença. A camisa estava toda amarrotada e ele não conseguiu fazer o nó da gravata. Além do mais, quando cheguei lá, estava com o *laptop* em cima da mesa. Tinha empurrado tudo para o lado, guardanapos, taças de vinho... Uma bagunça. Os garçons estavam horrorizados.

Quatro pares de olhos fixaram-se em mim.

– Que foi? – perguntei. – Qual o problema?

– Você – disse Hugh. – Você procura sarna para se coçar.

Cody sorriu.

– Sem mencionar que está completamente apaixonada. Olha só o que está dizendo.

– Ela não está apaixonada por ele – disse Peter. – Está apaixonada pelos livros dele.

– Não, eu não... – as palavras morreram em meus lábios, sobretudo porque eu não tinha certeza de querer argumentar. Não queria que pensassem que eu amava só os livros, mas ainda não estava cem por cento certa de amar Seth. Nosso relacionamento havia evoluído com notável rapidez, mas às vezes preocupava-me imaginar que eu, na verdade, amava a ideia de que ele me amava.

– Não acredito que vocês ainda estão nessa de encontros sem sexo – prosseguiu Hugh.

Perdi a paciência. Já tinha ouvido isso de Jerome; não precisava aguentar aqui também.

– Olhem, não quero falar nisso se vocês vão só encher meu saco, tá legal? Estou cansada de ouvir todo mundo me dizendo que é

maluquice.

Peter deu de ombros.

– Não sei. Não é tão maluco assim. A gente sempre ouve falar desses casais que não fazem mais sexo. Eles sobrevivem. Seria quase o mesmo.

– Não com a nossa garota – Hugh sacudiu a cabeça. – Olhem para ela. Quem não ia gostar de fazer sexo com ela?

Todos me olharam de novo, fazendo-me sentir desconfortável.

– Ei, não é essa a questão – protestei, achando que precisava esclarecer aquele ponto. – Ele *quer*, tá legal? Ele só não vai fazer. Há uma diferença.

– Desculpa, mas não vou engolir essa – disse Hugh. – Com essas roupas que você usa, ele não vai conseguir ficar do seu lado sem perder o controle. Mesmo que conseguisse, nenhum cara ia aguentar ver sua mulher provocar do jeito que você provoca.

Isso era algo em que eu pensava muito, o mesmo ponto que Jerome tinha levantado, e que me preocupava mais que nossa força de vontade para não pular um em cima do outro. Um de meus piores pesadelos incluía uma conversa mais ou menos assim: *Desculpa, Seth. Não posso sair esta noite. Tenho que trabalhar um cara casado que conheci por aí, e fazê-lo dormir comigo, para poder levá-lo mais e mais longe no caminho da perdição, enquanto sugo parte de sua vida. Quem sabe depois você e eu conseguimos pegar a última sessão em algum cinema.*

– Não quero falar sobre isso – repeti. – Estamos numa boa. Fim de papo.

Fez-se silêncio, exceto pelo som das cartas e do dinheiro sendo posto sobre a mesa. Olhei ao meu redor e vi Carter observando-me, sem expressão. Ele tinha sido o único a ficar de fora da malhação de Seth. Não era nenhuma surpresa. Em geral, o anjo ficava só ouvindo, e de repente soltava alguma tirada sarcástica ou esotérica. Antes, isso costumava me enfurecer, mas acontecimentos recentes tinham mudado minha atitude em relação a ele. Ainda não o

entendia muito bem, nem sabia se podia confiar nele, mas aprendera a respeitá-lo.

Perturbada por seu julgamento, baixei os olhos outra vez e descobri que finalmente tinha uma boa mão, depois de várias rodadas péssimas. Uma trinca. Não era o máximo, mas era aceitável. Aumentei bastante a aposta, querendo que os outros saíssem antes que mais cartas entrassem no jogo e tornassem minha mão menos passável.

Minha estratégia funcionou com os vampiros. A próxima carta foi baixada. Sete de espadas. Hugh franziu o cenho e abandonou o jogo quando aumentei a aposta de novo. Esperei que Carter saísse também, mas em vez disso ele aumentou ainda mais a aposta.

Hesitei só um instante antes de cobri-la. Quando a última carta ia ser jogada, fiquei pensando o que o anjo podia ter, e se eu poderia vencê-lo. Um par? Dois pares? Ah. A última carta foi dada. Espadas de novo. Agora havia uma grande possibilidade de ele ter um *flush*. Com isso, ganharia de mim. Ainda torcendo para forçá-lo a sair com um blefe, aumentei ainda mais a aposta. Ele aumentou de novo, mais do que dobrando minha aposta inicial.

Era um monte de dinheiro a mais, sobretudo considerando o que eu já tinha apostado. Séculos de investimentos mantinham bem confortável minha situação financeira, mas não era por isso que eu ia bancar a idiota. Qual era a mão dele? Ele tinha que ter um *flush*. Rejeitei e desisti.

Com um sorriso de satisfação, ele recolheu o respeitável monte de dinheiro. Ao jogar suas cartas na pilha de descartes, a borda delas ficou presa e elas viraram. Dois de ouros. Oito de paus.

– Você... você blefou! – exclamei. – Você não tinha nada!

Sem dizer uma palavra, Carter acendeu um cigarro.

Olhei os outros, em busca de confirmação.

– Ele não pode fazer isso – protestei.

– Diabos, passei metade do jogo fazendo isso – disse Hugh, pegando emprestado o isqueiro de Carter. – Não que tenha valido a pena.

– Sim... mas... ele é, bom, você sabe. Um anjo. Eles não podem mentir.

– Ele não mentiu. Ele blefou.

– Sim, mas, ainda assim, blefar é desonesto – ponderou Cody, enrolando uma mecha de seu cabelo loiro ao redor de um dedo.

– É uma mentira implícita – disse Peter.

– Mentira implícita? – Hugh o encarou. – Que porcaria isso quer dizer?

Olhei Carter empilhando seu dinheiro e fiz uma careta para ele. Seria de se esperar que um anjo que anda na companhia de servos do mal fosse uma boa influência, mas em algumas horas ele parecia pior que nós.

– Divirta-se com suas trinta peças de prata, Judas.

Ele fingiu tirar o chapéu numa saudação, enquanto os outros continuavam discutindo.

De repente, como uma fileira de pedras de dominó que caem, eles foram se calando. Carter sentiu primeiro, claro, mas apenas arqueou uma sobrancelha, indiferente como sempre. Então foram os vampiros, com seus reflexos e sensibilidade aguçados. Eles trocaram olhares e fitaram a porta. Por fim, segundos depois, Hugh e eu também sentimos.

– O que é isso? – Cody franziu o cenho, olhando através do aposento. – É como Georgina, mas não é igual.

Hugh acompanhou o olhar do vampiro jovem, com alguma curiosidade estampada na face.

– Íncubo – disse.

Eu já percebera, claro. As assinaturas que todos carregamos variam de criatura para criatura. Os vampiros dão uma impressão diferente dos duendes, que diferem dos súcubos. Alguém que conheça muito bem um imortal pode captar as características únicas de cada indivíduo. Eu era o único súcubo que transmitia uma sensação de seda e perfume de angélica. Num aposento cheio de vampiros, eu conseguiria determinar num instante se Cody ou Peter estavam presentes.

Da mesma forma, imediatamente eu soube que um íncubo se aproximava da porta de Peter, e sabia exatamente qual era. Eu reconheceria sua assinatura em qualquer lugar, mesmo depois de tanto tempo. A sensação fugaz de veludo na pele. Um rumor perfumado de rum, amêndoas e canela.

Sem nem perceber que me levantara, escancarei a porta, fitando deliciada as mesmas feições de raposa e olhos maliciosos que vira pela última vez fazia mais de um século.

– Olá, *ma fleur* – disse ele.

Capítulo 2

– Bastien – sussurrei, ainda sem acreditar. – Bastien!

Atirei-me nos braços dele, e ele me ergueu como se eu não pesasse nada, rodopiando-me no ar. Depois de me pôr de volta no chão com cuidado, ele voltou para mim seu olhar afetuosos, o belo rosto abrindo-se num sorriso.

Foi só ao vê-lo sorrir que percebi o quanto sentira sua falta.

– Você não mudou nada – comentei, olhando os cabelos pretos encaracolados que chegavam aos ombros, os olhos de um marrom tão escuro que pareciam quase negros. Ao contrário de mim, ele gostava de usar o corpo com o qual tinha nascido, o mesmo de seus dias de mortal. A pele tinha a cor suave e adorável dos *mochas* que eu consumia com regularidade. Seu nariz havia sido quebrado quando ele era humano, mas ele nunca se incomodou em eliminar as evidências por meio da mudança de forma. Aquilo não destoava de sua aparência, de jeito nenhum; na verdade, dava-lhe uma certa personalidade rebelde e ousada.

– E você, como sempre, parece totalmente diferente. Como se chama hoje em dia? – a voz dele tinha um suave sotaque britânico, remanescente dos anos que passara em Londres depois de deixar as fazendas de escravos no Haiti. Ele mantinha o sotaque e as expressões em francês, aprendidas quando criança, só para causar efeito; quando queria, falava um inglês americano tão impecável quanto o meu.

– Georgina.

– Georgina? Não é Josephine, nem Hiroko?

– Georgina – reiterei.

– Muito bem, então, *Georgina*. Deixe-me vê-la. Dê uma volta.

Rodei como um modelo, deixando-o apreciar todo o efeito do meu corpo. Quando fiquei de frente para ele de novo, ele balançou a cabeça, aprovando.

– Deliciosa. Não que eu esperasse menos de você. Baixinha, como nas outras vezes, mas as curvas estão todas no lugar certo, e as cores são muito bonitas – ele me olhou mais de perto, estudando meu rosto com olhar profissional. – É dos olhos que gosto mais. Parecem de gato. Faz quanto tempo que está usando esse corpo?

– Quinze anos.

– Quase zero-quilômetro.

– Bom, isso meio que depende da sua definição de “zero-quilômetro” –

observou Hugh, seco.

Bastien e eu nos voltamos para eles, lembrando que tínhamos uma plateia. Os outros imortais assistiam, divertindo-se; o jogo de pôquer esquecido por ora. Bastien acendeu um sorriso luminoso e cruzou a sala com alguns passos rápidos.

– Bastien Moreau – ele estendeu a mão para Hugh, e cada milímetro seu era pura educação e deferência. Afinal de contas, os incubos têm uma noção de atendimento ao cliente e de relações públicas tão boa quanto os súcubos. – É um prazer conhecê-lo.

Ele cumprimentou com igual polidez o restante do grupo, detendo-se um instante ao se aproximar de Carter. Um breve lampejo de surpresa nos olhos escuros de Bastien foi a única indicação de que achava estranho um anjo em nosso meio. Fora isso, a aparência charmosa manteve-se perfeita enquanto ele sorria e apertava a mão de Carter.

Embora claramente surpreso com a presença de Bastien, Peter ergueu-se, solícito.

– Por favor, sente-se. Quer uma bebida?

– Obrigado. Muita gentileza sua. Um uísque com gelo, por favor. E obrigado por me permitir aparecer aqui de modo tão inesperado. Sua casa é espetacular.

O vampiro assentiu com a cabeça, mais tranquilo por finalmente alguém dar valor a sua hospitalidade.

Eu, porém, tinha outras preocupações, e fiquei imaginando o que teria levado o íncubo a “aparecer de modo tão inesperado”. De repente lembrei-me da intrigante surpresa que Jerome mencionara.

– Jerome sabe que você está aqui, não é?

– Claro. Foi tudo combinado – criaturas como nós não podem entrar no território alheio sem negociar isso com o supervisor local. Para um grupo

que, teoricamente, teria se rebelado contra o sistema, possuíamos uma quantidade assombrosa de normas, regulamentações e documentos. Faríamos a Receita Federal parecer amadora. – Ele me disse onde encontrar você esta noite.

– E você está aqui porque...?

Ele me envolveu com um braço, brincalhão.

– Você está sendo rude. Nenhum “Oi, como você está”? Não posso apenas aparecer para ver uma velha amiga?

– Não na nossa linha de trabalho.

– Há quanto tempo você conhece Georgina? – perguntou Hugh, acomodando o corpo de compleição robusta e sentando-se numa posição mais confortável.

Bastien ficou pensativo.

– Não sei. Quanto tempo faz? Séculos?

– Seja um pouco mais preciso – observei-lhe, minha mente deslizando de volta para uma Londres de muito tempo atrás, recordando ruas irregulares, emanando o cheiro de cavalos e de humanos que não tomavam banho. – Começo do século dezessete? – ele assentiu com a cabeça, e deixei meu tom de voz tornar-se provocante. – O que mais me lembro é como você ainda era inexperiente.

– Não faço ideia do que você está dizendo.

– Como queira. Eu lhe ensinei tudo que você sabe.

– Ah, mulheres mais velhas – Bastien olhou os outros a seu redor, encolhendo os ombros numa impotência fingida. – Sempre

tão seguras de si.

– Mas então, explique como é a coisa – pediu Cody, curioso, os olhos jovens fixos em Bastien. – Você é o equivalente masculino de Georgina, né? Você muda de forma e tudo mais? – Cody era imortal fazia menos de dez anos, e estava sempre aprendendo algo novo sobre nós. Percebi que ele talvez nunca tivesse visto um incubo antes.

– Bom, na verdade não existe bem um equivalente para Fleur, mas sim, é algo do gênero – acho que ele preferia me chamar de Fleur por ser mais fácil que lembrar os nomes que eu ia adotando ao longo dos anos.

– Então você seduz mulheres? – prosseguiu Cody.

– Exato.

– Uau. Isso sim é que deve ser difícil.

– Não é tão... ei, espere aí – eu disse. – O que você está insinuando? Que lance é esse de “isso sim”?

– Bom, ele tem razão – insistiu Peter, passando a bebida para Bastien. – É que seu trabalho não é lá tão difícil, Georgina. Por comparação, quero dizer.

– Meu trabalho é muito difícil!

– O quê, fazer com que homens façam sexo com uma bela mulher? – Hugh sacudiu a cabeça. – Isso não é difícil. Nem um pouco difícil.

Olhei-os, incrédula.

– Eu não posso simplesmente pular na cama com qualquer um. Tenho que conseguir caras de qualidade.

– Tá, isso desde o mês passado.

Bastien lançou-me um olhar penetrante ao ouvir isso, mas eu estava aborrecida demais para me incomodar.

– Ei, acabei de ganhar um prêmio, sabia? Recebi até um certificado. E, de qualquer modo, ao contrário das suas deprimentes vidas sentimentais, nem todos os caras vão logo topando transar. Isso tem que ser trabalhado.

– Tipo, com chifres e um chicote? – sugeriu Peter com malícia, referindo-se a um incidente particularmente embaraçoso em meu passado.

– Aquilo foi diferente. Era o que ele queria.

– Todos eles querem. Essa é a questão – Hugh virou-se para Bastien cheio de reverência. – Como você faz? Tem alguma dica para dar?

– Tem muita coisa que faz diferença – sorriu Bastien, ainda me olhando. – Mas talvez sejam segredos profissionais. Se bem que, na verdade, para fazer justiça a Fleur, as técnicas são as mesmas para nós dois. Vocês deviam prestar mais atenção nela.

– Decotes profundos não são exatamente um segredo profissional.

– A coisa vai muito além disso, meu amigo. Em especial com Georgina. Ela é uma das melhores.

Hugh e os vampiros me olharam como se nunca tivessem reparado em mim antes, como se tentassem descobrir se Bastien falava a verdade.

– Não precisa levar por esse lado – apressei-me em dizer.

– Qual é, você não estava se gabando de ter me ensinado tudo que eu sei? A gente tinha uma vida social bem agitada naquela época.

– Que tipo de vida social? – perguntou Peter.

Não respondi, e Bastien apenas deu de ombros.

– Ah, bem, o tipo que exige um parceiro.

– Como... sexo grupal? – Cody arregalou os olhos.

– Não! – protestei, incapaz de continuar calada diante disso. Não que aquilo não estivesse em meu currículo. – Parcerias para atrair pessoas. Fazer papel de marido e mulher. Ou de irmão e irmã. Ou... ou... o que precisasse para atingir o alvo.

Bastien concordou com a cabeça.

– Os homens têm um tesão e tanto em conquistar a mulher novinha e bonita de outro cara. As mulheres também, aliás. Tudo que é proibido causa um certo fascínio.

– Uau – Cody e os outros ficaram analisando esta nova informação e tentaram extrair de nós mais detalhes.

Bastien, sentindo minha relutância em revelar detalhes do passado, deu respostas vagas, e a conversa logo se encaminhou para outros assuntos, e também para o fantástico jantar de Peter. Não era tão bom quanto o Met, mas talvez eu tivesse sido influenciada pela companhia.

– Vai contar o que está rolando? – murmurei para o íncubo mais tarde, quando todo mundo finalmente saiu da mesa e começou a dar sinais de que iria embora. Eu estava doida para saber o motivo de ele ter vindo, e com a aprovação de Jerome. Os habitantes do inferno podiam tirar férias, mas isto cheirava a trabalho.

Bastien acariciou minhas costas, dando-me o sorriso que era sua marca registrada.

– No momento certo, minha bela. Tem algum lugar onde possamos conversar?

– Claro. Vamos para o meu apartamento. Você vai conhecer a minha gata.

Quando Bastien se afastou de novo para agradecer a Peter pelo jantar, Carter se aproximou de mim.

– Vai encontrar Seth em breve?

– Hoje, mais tarde – vendo sua cara de quem achava graça, fiz uma careta. – Então, termina logo, está bem?

– Terminar logo o quê?

– A parte em que você diz que é idiota tentar manter uma relação séria com um mortal.

O riso desapareceu de seu rosto.

– Não acho que seja idiota.

Eu o olhei, esperando alguma tirada espirituosa.

– Todo mundo acha.

– Seth acha? E você?

Afastei o olhar, pensando em Seth. Aquela expressão engraçada e distraída em seu rosto, quando a inspiração o tomava. A coleção boba de camisetas. A forma deliciosa como ele conseguia capturar

o mundo no papel. O calor de sua mão segurando a minha. O modo como eu simplesmente não conseguia ficar longe dele, a despeito de ter um milhão de motivos para isso. De repente, presa nos olhos penetrantes de Carter, algo dentro de mim se abriu. Eu odiava como aquele anjo conseguia fazer isso comigo.

– Às vezes eu acho. De repente olho para ele... e lembro como foi quando o beijei e senti aquele amor. Fico querendo ter isso de volta, sentir aquilo de novo. Quero retribuir. Mas tem vezes... tem vezes que fico apavorada. Escuto esses caras falando... e Jerome... e as dúvidas ficam me atormentando. Elas não me saem da cabeça. A gente tem dormido junto, sabe? Até agora não teve problema, mas às vezes fico acordada, olhando para ele e pensando que isso não vai durar. O tempo vai passando e eu sinto como... como se estivesse me equilibrando numa corda bamba, com Seth numa ponta e eu na outra. Estamos tentando nos alcançar, mas um passo em falso, uma brisa, uma olhada para o lado, e eu vou despencar. E continuar caindo e caindo.

Inspirei, trêmula, ao terminar.

Carter inclinou-se para mim e afastou o cabelo que caía na lateral do meu rosto.

– Então, não olhe para baixo – ele sussurrou.

Bastien tinha voltado, e pegou o fim do meu monólogo.

– Quem é Seth? – quis saber mais tarde, já em meu apartamento.

– É uma longa história – ainda assim contei tudo.

Claro, contar a Bastien sobre Seth significava contar-lhe um monte de outras coisas. Como o recente confronto com o filho de Jerome, meio humano e meio anjo, um homem de beleza estonteante, com um senso distorcido de justiça social, empenhado numa missão quase psicótica de vingar-se dos outros imortais pelo tratamento horrível imposto a ele e à sua raça. Ser um bom dançarino e um amante fenomenal não bastava para compensar os assassinatos gratuitos de imortais inferiores e o atentado subsequente a Carter.

Isso, é claro, levou-me a explicar, em seguida, como Seth tinha testemunhado o embate inevitável e se ferido quando tive de beijá-lo para conseguir uma dose de energia de emergência. Jerome quis apagar da memória de Seth todo o episódio, bem como o amor que o escritor sentia por mim. Implorei ao demônio que não o fizesse, e por fim consegui convencê-lo, prometendo dedicar todo o meu esforço à sedução e corrupção de homens decentes, como um súcubo obediente deveria fazer. A visita de Horácio tinha sido a prova definitiva do meu “novo e atualizado” eu.

Esparramado no sofá, Bastien escutou toda a história com atenção e franziu o cenho quando terminei.

– O que você quer dizer? Por que você já não pegava caras decentes antes?

– Estava cansada de fazer isso. Não queria mais prejudicá-los.

– E aí? Você só pegava os maus?

Assenti.

Ele sacudiu a cabeça, sabendo tão bem quanto eu que um mortal sem moral rendia pouquíssima energia, em comparação com um decente.

– Pobre Fleur. Que vida triste você deve ter tido.

Lancei-lhe um sorriso amargo e doce ao mesmo tempo.

– Acho que você é a primeira pessoa que fica com pena em vez de me olhar com ar incrédulo. A maioria acha que sou uma idiota.

– Sim, é difícil, e você precisa de doses mais frequentes, mas não acho que seja idiotice – concordou Bastien. – Acha que não tem dias em que sinto a mesma coisa? Quando só penso em desistir e deixar em paz as mulheres decentes?

– E por que não faz isso?

– Isso não é para a gente. Você e eu somos prostitutas nobres. Cortesãos, se quiser ser mais fina, mas é tudo a mesma coisa. Limitar-nos a pessoas desprezíveis não vai mudar nossos destinos. A longo prazo também não terá efeito nenhum, exceto aliviar um

pouco nossos remorsos, e mesmo esse alívio não vai durar para sempre.

– Meu Deus, você não está me fazendo sentir nem um pouco melhor.

– Perdão.

– Não, não, tudo bem. Não importa. Quer dizer, é legal ter alguém com quem falar sobre isso. Os outros imortais não entendem direito.

Ele torceu o nariz.

– Claro que não entendem. Como poderiam? – meu silêncio mostrava que eu concordava, e Bastien me lançou um olhar carinhoso. – Não que seus amigos não sejam legais. Aqui na cidade não tem outros imortais com quem você possa se abrir? Algum súcubo ou íncubo?

– Há mais alguns vampiros e demônios inferiores, mas é só. Eles são menos sociáveis do que aqueles com quem eu ando. Tenho ainda alguns bons amigos mortais. Mesmo assim... não é a mesma coisa – dei um sorriso suave. – Eles não são você. Senti sua falta.

Bastien desarrumou meu cabelo, recebendo um olhar crítico da minha gata Aubrey.

– Também senti sua falta.

– Então, agora vai me contar o que está acontecendo?

Sua expressão séria tornou-se jovial.

– Não sei bem o que vai achar disso, depois de tudo que você me disse.

– Vamos lá, tente.

Escorregando do sofá, Bastien sentou-se ao meu lado, para podermos ficar frente a frente.

– Já ouviu falar de Dana Dailey?

– Eu vivo neste planeta, sabia? Ela é sempre minha primeira opção quando estou dirigindo e bate a vontade de ouvir algum papo bem comercial e conservador – não fiz força nenhuma para esconder o desdém. Além de promover valores familiares antiquados, a apresentadora Dana Dailey também gostava de

abordar, em seu *talk show* no rádio, insinuações mal disfarçadas de cunho racista, homofóbico e até sexista. Eu não a suportava.

– Imagino que você faça isso com frequência. Sabia que ela mora em Seattle?

– Claro. É um milagre que ela não tenha derrubado o preço das propriedades por aqui.

– Engraçado você mencionar isso. Uma casa na vizinhança dela estava à venda faz pouco tempo.

– E daí?

– Daí que nossos patrões a compraram.

– O quê?

Sorrindo, ao saber que tinha me fisdado, Bastien inclinou-se para frente, entusiasmado.

– Preste atenção, Fleur, porque esta é a melhor parte. Ficamos sabendo de uns boatos sobre o ex-limpador de piscina da Sra. Dailey em San Diego. Ele afirma que teve um “envolvimento romântico” com ela.

Vasculhei o cérebro, lembrando ter visto um *outdoor* com uma foto de divulgação dela e do marido, um político.

– Você já viu o Sr. Dailey? Eu também escolheria o limpador de piscina. Que fim levaram os boatos?

– Ah, sabe como é. O mesmo que sempre acontece com boatos sem provas. Evaporaram, não deram em nada.

Esperei, cheia de curiosidade.

– Tá legal, e como a casa se encaixa nisso?

– Bom, como você disse, o marido dela não é nenhum galã. Claro, ela não vai se divorciar nem nada, afinal, isso poderia acabar com o futuro político dele e toda essa campanha moralista de valores familiares que ela faz no programa. Mas a tendência à safadeza sempre permanece. Se ela pulou a cerca uma vez, aposto como pode ser convencida a fazer isso de novo.

Dei um gemido quando as peças se encaixaram.

– Por exemplo, com um vizinho bonitão e refinado?

– Refinado? Realmente, você é muito gentil.

– E aí, o que vem depois?

– Então nós apenas deixamos as evidências aparecerem.

– Evidências?

– Bom, é. Não vamos fazer como o limpador de piscinas. Quando eu conseguir seduzir a ilustre Sra. Dailey para prazeres físicos que superam seus sonhos mais loucos, haverá uma câmera filmando. Vamos registrar tudo para a posteridade, e então ir atrás da imprensa. Exposição total, humilhação total. Fim da pregação pelo rádio para que as massas voltem a ter um comportamento puro e decente. Até a campanha política do marido dela será prejudicada, abrindo caminho para que algum oportunista liberal tome o lugar dele e ajude esta região a voltar ao caminho de corrupção que anseia tão desesperadamente.

– Caramba, parece tudo tão certinho.

Ele me olhou.

– Você está duvidando da genialidade do plano?

– Não sei. O plano é corajoso, mas acho meio esquisito, até mesmo para você. Não consigo imaginar Dana Dailey cedendo assim tão fácil.

– Deixe comigo essa parte de ceder.

– Seu ego está fora de controle.

Ele riu e me puxou para si. Era bom sentir seus braços em volta de mim. Era familiar. Reconfortante.

– Admita. É por isso que você me ama.

– É, você é como o irmão que eu nunca tive. Um irmão que não põe fogo no meu cabelo.

Os olhos dele faiscaram, maliciosos.

– E, mais uma vez, você apareceu na minha frente. Quero que me veja em ação, além, é claro, de me fazer companhia enquanto estou na cidade. Você tem que ir me visitar, como a irmã de Mitch.

– Quem?

Bastien de repente se pôs de pé e mudou de forma. As feições familiares se foram, sem deixar vestígios do íncubo libertino que eu conhecia. Com um metro e noventa e ombros largos, ele agora tinha

cabelos loiro-escuros e olhos azuis da cor do céu, o rosto apenas começando a perder o aspecto de garoto bonito para dar lugar à promessa excitante de um homem experiente e confiante de trinta e poucos anos. Quando sorriu, seus dentes perfeitos brilharam.

Ele piscou para mim.

– Mitch Hunter – explicou ele, numa voz macia de ator de cinema. Sem sotaque.

– Você tem algum título igualmente brega para combinar? “Mitch Hunter, médico”, ou “Mitch Hunter, investigador particular”? Cairia bem.

– Nada disso. Sou consultor, claro. A ocupação burocrática favorita de todo mundo, genérica mas bem remunerada.

– Parece que você precisa de um taco de golfe numa mão e uma espátula de hambúrguer na outra.

– Pode zoar, mas Dana não vai conseguir resistir. Agora vamos ver o que você pode fazer – ele acenou para que eu me levantasse.

– Está brincando?

– Parece que estou brincando? Se vai me visitar, precisa ter um ar de moça de família.

Revirei os olhos e fiquei de pé. Após estudar as feições dele por um instante, transformei minha compleição miúda num corpo mais alto e atlético, com cabelo loiro comprido.

Ele me examinou e então sacudiu a cabeça.

– Bonita demais.

– O quê? Isto é perfeito.

– Esse corpo é irreal. Ninguém é assim tão bonita. Meu Deus, mulher, que bunda!

– Ah, qual é. Você acha que a irmã do agente especial Mitch Hunter não é do tipo que gasta duas horas por dia fazendo *step*?

– Nesse ponto você tem razão – Bastien grunhiu. – Pelo menos diminua um pouco o comprimento do cabelo. As mulheres que moram em condomínios no subúrbio preferem cortes sem graça e funcionais.

– É, mas eu não moro em condomínio. Sou sua irmã superantenada, estilosa...

Alguém bateu à porta. Ele me olhou com cara de interrogação.

– Ah! É Seth.

Voltei ao meu corpo normal, e Bastien fez o mesmo. Abri a porta.

Seth Mortensen, autor *best-seller* e tímido profissional, estava do lado de fora. Usando uma camiseta do Frogger e uma jaqueta de veludo, ele parecia ter se esquecido de novo de pentear o cabelo. Castanho com um leve reflexo acobreado, seu cabelo estava revoltado, combinando com a perpétua barba por fazer.

Quando me viu, seus lábios curvaram-se para cima num sorriso, e só pude pensar em como pareciam macios e beijáveis.

– Oi – saudei.

– Oi.

A despeito da atração que ardia entre nós, sempre demorávamos um pouco para engatar a conversa. Convidei-o para entrar, e sua expressão vacilou um pouco quando viu Bastien.

– Oh. Olá.

– Olá – respondeu Bastien, estendendo a mão. – Bastien Moreau.

– Seth Mortensen.

– É um prazer. Já ouvi falar muito de você. Seus livros são fabulosos. Quer dizer, nunca li nenhum, pois não tenho tempo para isso, mas tenho certeza de que são magníficos.

– Hã, obrigado.

– Bastien é um velho amigo – expliquei. – Ele vai ficar na cidade por algum tempo a... trabalho.

Seth acenou com a cabeça, e o silêncio se colocou entre nós como uma quarta presença. Por fim, Bastien limpou a garganta. Eu podia ver em seu rosto que já estava perdendo o interesse, descartando Seth como quieto demais e nada emocionante. O íncubo queria ação.

– Bom, vou andando. Não quero interromper os planos de vocês.

– O que você vai fazer? – perguntei. – Ainda não deve ter muito o que fazer por aqui.

– Vou improvisar – ele piscou um olho para mim.
Lancei-lhe um olhar de quem sabia das coisas.
Bagunçando meu cabelo de novo, ele me abraçou e beijou
minhas duas bochechas.

– Vou manter contato, Fleur. Acompanhe os noticiários.

– Não vou sair da frente da tevê.

Bastien acenou amigavelmente com a cabeça para Seth.

– Prazer em conhecê-lo.

Depois que o íncubo se foi, Seth perguntou:

– Quando você diz “velho amigo”, isso quer dizer, tipo... desde a
Era do Gelo?

– Não, claro que não.

– Ah.

– Faz só uns quatrocentos anos.

– Ah, sim. Só uns quatrocentos anos – em seu rosto surgiu uma
expressão irônica. – Então, o que ele é? Lobisomem? Semideus?

– Nada tão excitante. Ele é um íncubo. Você já deve ter ouvido
falar.

– Claro – Seth fez que sim, franzindo o cenho. – Como um
súcubo, só que... ele tem que ir atrás de mulheres para sobreviver?

Fiz que sim.

– Uau. Por toda a eternidade. *Uau* – suas sobrancelhas se
ergueram, enquanto um fascínio genuíno surgia em seu rosto. –
Deve ser... uau. Deve ser mesmo difícil.

– Nem comece a ir por aí – meus olhos se estreitaram.

Bastien dissera que não queria interromper nossos planos, mas
na verdade não tínhamos planejado nada além de passar a noite
juntos. Acho que a maioria dos casais, quando acabam as opções,
pode recorrer ao sexo ou pelo menos a uns amassos, mas a
natureza da nossa relação exigia todo um planejamento. Discutimos
algumas ideias.

– Quer alugar um filme? – ofereci. – Tenho alguns cupons.

Terminamos alugando *Gladiador*, e foi então que descobri que os
cupons de locação gratuita de Horácio estavam vencidos fazia

tempo.

– Aquele desgraçado!

– Quem? – perguntou Seth.

Mas é claro que eu não podia explicar. Malditos demônios.

Voltando para casa, Seth e eu nos aconchegamos no sofá enquanto víamos o filme, quentinhos e confortáveis, mas, ainda assim, a salvo do efeito pernicioso da minha condição de súcubo. Ele ouvia, divertido, enquanto eu apontava as incorreções históricas, a maioria delas referente ao fato de o Império Romano ter sido bem mais sujo e mal-cheiroso do que aparecia no filme.

Quando terminou, desligamos a tevê e ficamos sentados, juntos, no escuro. Seth me acariciava, passando os dedos entre meus cabelos e ocasionalmente acariciando meu rosto. Um pequeno gesto, mas, quando era tudo o que você podia fazer com a outra pessoa, ele se tornava espantosamente erótico.

Ergui os olhos para ele. Eu sabia o que via quando o olhava. Ele era tudo o que eu podia querer e tudo o que não podia ter. O companheiro amoroso e estável pelo qual eu ansiara todos esses anos. Perguntei-me o que ele via em mim. A expressão dele agora parecia afetuosa. Extasiada. E um pouco triste.

*– Mas teu eterno verão não se evanescerá
Nem será perdida a beleza que possuis;
Tampouco poderá a Morte envolver-te em sombra,
Quando em versos imunes ao tempo estiveres traçada;
Enquanto a humanidade respirar e os olhos puderem ver,
Este poema viverá e tu também viva estarás.**

– Soneto Dezoito – murmurei, pensando em como ele declamava bem. Droga, não era nem a habilidade para declamar. Quantos caras nesta era de mensagens instantâneas ainda conheciam Shakespeare? O meio-sorriso brincalhão iluminava seu rosto.

– Inteligente e bela. Como pode um homem contentar-se com uma mulher mortal?

– É fácil – retruquei. O receio dos meus amigos de repente ergueu-se ameaçador sobre mim. – Você poderia, sabe?

Ele piscou, e o olhar embevecido se esvaiu, dando lugar à exasperação.

– Ah, não. Não esta discussão de novo.

– Estou falando sério...

– Eu também. Não quero estar com mais ninguém neste momento. Já disse uma centena de vezes. Por que continuamos falando disso?

– Porque você sabe que não podemos...

– Nem vem. Ponha alguma fé na minha capacidade de me controlar. Além do mais, não estou com você por causa de sexo. Você sabe disso. Estou com você para estar com você.

– Mas como isso pode ser suficiente? – nunca tinha sido, para nenhum homem que conheci.

– Porque... porque... – ele ergueu meu queixo com a mão, a emoção em seus olhos fazia-me derreter por dentro. – Porque estar com você parece tão certo... como sempre deveria ter sido. Você me faz acreditar em uma força superior, ao menos uma vez na vida.

Fechei os olhos e pousei a cabeça no peito dele. Podia ouvir seu coração batendo. Ele me aconchegou contra o seu corpo, seu abraço era quente e firme, e senti que não conseguiria estar perto dele o bastante. Talvez eu devesse desistir da discussão naquele momento, mas ainda havia outra coisa em minha mente. Afinal de contas, eu tinha um certificado decorado com ouro em minha bancada.

– Mesmo que você possa se controlar... mesmo que consiga ficar sem sexo, você sabe que eu não ficarei.

As palavras doíam ao sair, mas o controle remoto da minha boca nem sempre funcionava direito. Além do mais, eu não queria meias-palavras entre nós.

– Eu não ligo – mas senti o modo como ele me segurava ficar um pouco mais rígido.

– Seth, você vai...

– Tétis, *eu não ligo*. Não importa. Nada importa exceto o que existe entre nós dois.

A ferocidade de sua voz, em contraste com sua placidez de sempre, encheu-me de prazer, mas não foi isso que me fez desistir da discussão. Foi a palavra “Tétis”. Tétis. Tétis, a deusa que mudava de forma, que foi seduzida e conquistada por um mortal resoluto. Seth havia me atribuído esse nome quando descobriu que eu era um súcubo, e quando pela primeira vez deu a entender que meu *status* infernal não seria um obstáculo.

Puxei-o mais para perto. *Não olhe para baixo*.

Fomos para a cama logo depois, com Aubrey acomodando-se a nossos pés. Sentir o corpo de Seth enroscado ao meu sob as cobertas era um tormento, um indício cruel das restrições que nos cercavam.

Suspirei e tentei pensar em algo diferente de como o toque dele era bom, ou que delícia seria se ele deslizasse a mão dentro da minha camiseta. Dei um sorriso quando um pensamento bem assexuado me veio à mente.

– Quero panquecas.

– O quê? Agora?

– Não. Para o café da manhã.

– Ah – ele bocejou. – Então é melhor você acordar cedo.

– Eu? Não sou eu quem vai fazer.

– É? E quem vai fazer então? – em sua voz sonolenta havia uma piedade fingida.

– Você.

Estava claro, ao menos para Seth e para mim, que ele fazia as melhores panquecas do mundo. Elas saíam sempre perfeitas, leves e fofas. Por meio de alguma mágica culinária, ele conseguia até pôr carinhas sorridentes, quando as fazia para mim. Uma vez até colocou um G. Achei que fosse a inicial do meu nome, mas depois ele jurou que era de *goddess*, deusa em inglês.

– Eu? Você acha que vou fazer panquecas para você? Acha que vou mesmo? – os lábios dele tocaram o lóbulo da minha orelha; sua

respiração estava quente sobre a minha pele.

– Você é tão bom nisso – choraminguei. – Além do mais, se você fizer, vou ficar sentada na bancada com um *robe* curtinho enquanto você cozinha.

Ops. Talvez as panquecas pudessem ter conotações sexuais, afinal de contas.

O riso suave transformou-se em outro bocejo.

– Está bem, então – ele beijou a minha orelha de novo. – Talvez eu faça mesmo.

Sua respiração ficou lenta e regular, e a tensão em seu corpo desapareceu. Ele dormia logo, sem qualquer preocupação ou tentação por eu estar em seus braços.

Suspirei de novo. Ele estava certo; de fato Seth tinha autocontrole. Se podia fazer isso, com certeza eu também conseguiria. Fechei os olhos e esperei que o cansaço me dominasse. Por sorte ele não se fez esperar; é o que acontece quan-

do a gente fica acordada até muito tarde. Talvez esse fosse o verdadeiro truque para dormir de forma casta.

Acordei nos braços dele horas depois, ouvindo um barulho de música ruim dos anos setenta infiltrando-se suavemente pela parede. Um dos meus vizinhos tinha necessidade de fazer aeróbica ouvindo Bee Gees na hora do almoço. Insanidade comprovada.

Espere aí. Hora do almoço?

Sentei-me de repente, com o pânico lançando-me na consciência plena enquanto eu avaliava a situação. Minha cama. Seth esparramado ao meu lado. O ruído do trânsito à toda lá fora. A luz clara do sol de inverno entrando pela janela – muita luz do sol.

Temendo o pior, olhei para o relógio mais próximo. Eram 12:03.

Gemendo baixinho, tateei o chão em busca do meu celular, imaginando por que ninguém havia ligado me chamando para trabalhar. Olhando o visor, percebi que havia tirado o som durante o filme. *Sete novas mensagens de voz*, dizia o telefone. As panquecas já eram. Deixei o celular caído no chão de novo e olhei para Seth,

tão fofo de camiseta e samba-canção de flanela, que por um instante aliviou minha frustração.

Eu o sacudi, desejando apenas poder me enfiar de novo sob as cobertas com ele.

– Acorde. Tenho que ir.

Ele piscou para mim, sonolento, aumentando ainda mais seu charme. Aubrey tinha um olhar parecido.

– Hã? Cedo demais.

– Não tão cedo. Estou atrasada para o trabalho.

Ele me olhou com uma expressão vazia por alguns segundos e então se sentou quase tão depressa quanto eu.

– Ah. Ah, caramba.

– Está tudo bem. Vamos indo.

Ele desapareceu no banheiro, e mudei minha aparência mais uma vez, transformando o pijama num suéter vermelho com saia preta, e meu cabelo solto tornou-se um coque bem-feito. Detestava fazer isso com tanta frequência, e preferia escolher as roupas no meu *closet*. A mudança de forma também gastava muito mais depressa minha energia acumulada, exigindo vítimas mais frequentes. Infelizmente, a premência do tempo exige certos sacrifícios.

Quando Seth voltou, examinou duas vezes minha aparência e sacudiu a cabeça.

– Ainda não consegui me acostumar com isso.

Achei que ele iria para casa dormir, mas me acompanhou à livraria. O café era seu lugar preferido para escrever. Quando chegamos à Emerald City Books & Café dei um suspiro aliviado ao ver que nem minha gerente Paige nem Warren, o proprietário da loja, pareciam estar por ali. Ainda assim, a loja já tinha sido aberta e estava funcionando sem a minha presença, e meus colegas madrugadores e tagarelas nos impediram de entrar despercebidos.

– Oi, Georgina! Oi, Seth!

– Georgina e Seth estão aqui!

– Bom dia, Georgina! Bom dia, Seth!

Seth me deixou e dirigiu-se para o andar de cima, onde gostava de escrever, e eu rumei para os fundos da loja. Estava tudo às escuras, o que me pareceu estranho. Nenhum dos gerentes estava lá. Alguém devia ter aberto a loja antes de mim. Acendi a luz na minha sala.

Estava tão concentrada tentando imaginar o que rolava, que o demônio me pegou totalmente de surpresa.

Com pele vermelha e vários chifres, ele saltou em minha direção, agitando os braços e emitindo grunhidos ininteligíveis. Soltei um gritinho e deixei cair as coisas que trazia, retrocedendo.

Um instante depois recobrei-me, fui até ele e acertei-lhe a cabeça com toda a força que pude.

* No original: *But thy eternal summer shall not fade/Nor lose possession of that fair ow'st;/Nor shall Death brag thou wand'rest in his shade,/When in eternal lines to time thou grow'st;/So long as men can breathe or eyes can see,/So long lives this, and this gives life to thee.* (N. T.)

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "GK 2 - O poder do súcubo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).